

Intervenções urbanas, reordenamento espacial e embelezamento: A construção do Calçadão Arthur Bernardes em Viçosa (MG)

Urban interventions, spatial reorganization and beautification: The construction of the Arthur Bernardes pedestrian mall in Viçosa (MG)

Luiza Oliveira Pacheco¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a construção do Calçadão Arthur Bernardes em Viçosa (MG) a partir das proposições de intervenção urbana feitas pelo grupo “Por uma Viçosa melhor”. O artigo toma a referida obra como objeto de estudo a fim de identificar aspectos que estimulem a discussão de seu papel na trama locacional da região central da cidade, entre as décadas de 1970 e 1980, e o processo de reordenamento espacial da área, aumentando seu apelo comercial, analisando também o discurso de embelezamento da cidade a partir das publicações jornalísticas do “Por uma Viçosa melhor”, além da articulação entre as proposições do grupo e a paulatina transformação do uso da via.

Palavras-chave: Ruas de pedestres. Ordenamento espacial. Intervenções urbanas.

Abstract: The purpose of this essay is to analyze the establishment of the Arthur Bernardes pedestrian mall in Viçosa (MG), based on the urban intervention proposals made by the group “Por uma Viçosa melhor”. The article takes the aforementioned construction as an object of study in order to identify aspects that stimulate the discussion of its role in the locational plot of the central region of the city, between the 1970s and 1980s, and the process of spatial reorganization of the area, increasing its commercial appeal, also analyzing the city’s beautification discourse based on the journalistic publications of the “Por uma Viçosa melhor” group, in addition to the articulation between its propositions and the gradual transformation of the use of the road.

Keywords: Pedestrian malls. Spatial ordering. Urban interventions.

¹ Mestre em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: luiza.pacheco@ufv.br.

Introdução

A ocorrência de operações urbanas nas cidades brasileiras é evidente desde a década de 1950, com projetos que buscam reordenar o espaço público urbano. Trata-se de um fenômeno que se associa à ordem econômica neoliberal que passou a explorar as cidades para a circulação de capital e a disseminação da cultura do consumo, definindo uma série de “modismos” que criam um desejo por “novidades” (Grechoniak, 2023). Nesse contexto, as cidades e suas gestões passaram a buscar a “modernização” de seus espaços, principalmente de seus centros, por meio de intervenções que seguem tendências transplantadas de outras localidades.

Esse fenômeno é analisado no presente trabalho, que tem como objeto de estudo o Calçadão Arthur Bernardes, localizado no centro de Viçosa (MG), construído entre as décadas de 1970 e 1980, e compreendido aqui como agente de uma reorganização espacial pela qual passava o centro da cidade. Nesse processo, atuaram em conjunto a Prefeitura Municipal de Viçosa (PMV) e o grupo “Por uma Viçosa melhor”, ao qual pertenciam técnicos e professores da principal instituição pública de ensino da cidade, a Universidade Federal de Viçosa (UFV), com apoio de proprietários fundiários que buscavam aumentar o valor de troca de seus terrenos a partir da expansão da atividade comercial e imobiliária.

Este trabalho busca problematizar a construção do Calçadão Arthur Bernardes a partir de um discurso de embelezamento da cidade de Viçosa, focalizando o interesse comercial em sua área central como principal catalisador do processo de especulação imobiliária que ali se desenvolve. A fim de elucidar essas questões, empreendemos uma investigação sobre a formação do centro da cidade, analisando a época e circunstâncias de construção do

Calçadão, buscando compreender o papel dessa obra na composição da trama locacional central urbana.

O entendimento do debate em torno do papel do Calçadão Arthur Bernardes no ordenamento do centro de Viçosa permite analisá-lo e compreender seu significado para a centralidade urbana da cidade, buscando responder às seguintes questões: Como o debate sobre embelezamento do centro urbano de Viçosa interferiu nas transformações empreendidas para a construção do Calçadão? Como a construção do Calçadão Arthur Bernardes atua na configuração socioespacial do centro urbano de Viçosa?

A fim de responder às questões supracitadas, empreendeu-se uma investigação acerca do contexto urbano de Viçosa no período entre a federalização da então Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), que foi transformada em UFV em 1969, e o ano em que o Calçadão começou a ser construído, em 1979. Nesse intervalo, foi importante analisar a formação de novas centralidades na cidade e confrontar as aspirações urbanísticas do grupo “Por uma Viçosa melhor” com a realidade experimentada pela cidade.

Esta investigação tornou-se possível por meio da análise documental de edições do periódico UFV Informa, disponibilizadas em plataforma eletrônica da instituição²; reportagens do Jornal Folha Integração (atual Jornal Folha da Mata); de leis e projetos de lei relacionados à execução de obras e demais posturas municipais, bem como de croquis feitos por arquitetos da UFV a fim de orientar a execução da obra, e também por meio da realização de entrevistas, utilizando a metodologia da História Oral, cuja escolha se justifica pela busca de privilegiar o compartilhamento de experiências por parte dos

² A plataforma pode ser acessada no endereço eletrônico atom.ufv.br. Acesso em 11 jun. 2024.

entrevistados, colocando suas histórias em um processo de auto-análise durante as entrevistas (Alves, 2016).

Foram entrevistados quatro ex-membros do grupo “Por uma Viçosa melhor”, sendo três ex-professoras (duas do Departamento de Tecnologia de Alimentos e uma do Departamento de Economia Doméstica, este último extinto em 2023) e um ex-técnico de nível superior (cargo arquiteto) da UFV, que atuaram na instituição desde os anos 1960. As entrevistas foram autorizadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) em 14 de dezembro de 2021 e foram realizadas ao longo do ano de 2022³. Os entrevistados estão identificados na pesquisa por suas iniciais.

Este artigo está dividido em três partes, além desta introdução: na primeira, “Operações urbanas: Formas de intervir na cidade”, mobilizamos referenciais conceituais sobre a produção do espaço a partir de iniciativas de renovação urbana e sua relação com o embelezamento das cidades. Tratamos também da conexão entre esses temas e a problemática de pedestrianização de ruas, iniciativa utilizada em países como os Estados Unidos a partir dos anos 1950 para aumentar o atrativo comercial dos centros das cidades.

Na segunda parte, “Construindo a obra do século: O Calçadão Arthur Bernardes”, abordamos o contexto urbanístico da cidade de Viçosa durante os anos 1970 que levou à construção da rua de pedestres, bem como o confronto entre os projetos de embelezamento e ordenamento do centro idealizados pela Prefeitura e pelo grupo “Por uma Viçosa Melhor”. Na terceira parte retomam-se as principais discussões realizadas no artigo e apresenta-se as considerações finais.

³ Para visualizar os roteiros e demais informações sobre a realização das entrevistas, ver Pacheco (2023).

Operações urbanas: Formas de intervir na cidade

Durante todo o século XX e especialmente após a Segunda Guerra Mundial, assistiu-se à dinâmica de proposições e questionamentos sobre a vida urbana e as atividades presentes nos centros das cidades (Vargas & Castilho, 2015). Na busca por definir esse tipo de operação, algumas denominações são empregadas, como revitalização, reabilitação, renovação etc. (Januzzi & Grassiotto, 2016). A fim de delimitar uma operação que dialogue com nosso objeto de estudo, passaremos a definir a renovação urbana.

O termo foi criado pelo economista Miles Colean, em 1950, a fim de incluir diferentes operações urbanas divulgadas nas intervenções realizadas nas áreas centrais de cidades europeias remanescentes da Segunda Guerra Mundial ou abandonadas e degradadas segundo os parâmetros da arquitetura moderna. Essas ações voltavam-se para diversas iniciativas, que englobavam desde a transformação dos usos de uma determinada estrutura urbana até a demolição de áreas inteiras, com vistas a sua reconstrução posterior (Pasquotto, 2010).

Nos Estados Unidos, o desenvolvimento das cidades durante a década de 1950 esteve condicionado à demolição de áreas consideráveis do tecido urbano seguidas de sua reconstrução, em um processo chamado de *urban renewal*. Tratam-se de processos que visavam, após a década de 1950, “melhorar” a imagem das cidades por meio de uma resposta positiva à degradação de espaços urbanos, visando a “[...] implementar ações em busca da atração de investimentos de moradores, de usuários e de turistas que dinamizem a economia urbana e contribuam para a melhoria da qualidade de vida, valorizando também a gestão urbana que executa a intervenção” (Vargas & Castilho, 2015, p. 5).

Nesses tipos de intervenção, os centros das cidades ganham especial atenção por serem identificados como os lugares mais dinâmicos da vida urbana, animados pelo fluxo intenso de pessoas, veículos e mercadorias decorrente da presença de atividades terciárias, como comércio, educação e lazer (Vargas & Castilho, 2015). Desta maneira, os centros das cidades têm sido adotados como palcos privilegiados de intervenções urbanas na medida em que atuam como pontos de referência simbólica e espacial, além de assumirem diferentes usos e atividades (Grechoniak, 2023).

Para Corrêa (1989), o espaço das cidades é um reflexo das ações que se realizam no presente e também daquelas realizadas no passado, que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais atuais. Desta maneira, o espaço urbano é um condicionante da sociedade, uma vez que a ordem a que esse espaço a submete se reflete no papel que as formas espaciais desempenham na reprodução das condições e relações de produção.

O espaço das cidades constitui-se de diferentes usos da terra justapostos entre si, os quais definem áreas distintas em termos de forma e conteúdo social, como zonas portuárias, áreas residenciais, pólos industriais e o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, serviços e gestão. No capitalismo, a articulação entre esses espaços se reflete nas relações que envolvem a circulação de decisões e investimentos de capital, além da prática do poder e da ideologia. Tais relações são de natureza social, tendo como matriz a própria sociedade de classes e seus processos (Corrêa, 1989).

A consolidação de um território como centro deve ser entendida não como um espaço preexistente, mas sim como resultado de um processo que o transformou em centro, como parte de uma estrutura urbana. Desta maneira, deve-se compreendê-lo como resultante de processos históricos e também de uma construção simbólica

(Fonseca, 2012), exercendo forte reconhecimento no imaginário da cidade e, por isso, sendo cobiçados por quem disputa reconhecimento e visibilidade. Certos logradouros concentram a atenção, atuando como cenários da vida urbana, um resumo das formas de sociabilidade, e constituindo um componente fundamental na definição dos traços que caracterizam a cidade. Essa atribuição de significações gera capital simbólico que orienta narrativas associadas a locais centrais (Gomes, 2013).

Em resumo, a área central da cidade tende a se destacar das demais pela concentração de atividades, traduzido na intensidade do uso do solo e concentração de empregos, pela relativa facilidade de acesso via meios de transporte que para lá convergem, e pela atração que exerce tanto sobre seus cidadãos e sobre visitantes. Esta combinação faz do centro um lugar dinâmico e disputado, tendendo a traduzir a cultura urbana da cidade (Fonseca, 2012, p. 76).

Nas cidades brasileiras, os centros tradicionais tendem a permanecer como pontos de irradiação da organização urbana, concentrando em si a maior densidade de funções e usos, mas também de empregos, com uma alta densidade demográfica em sua área (Fonseca, 2012).

O comércio potencializa a visibilidade de um local, valendo-se das condições morfológicas do espaço urbano e da presença do público, dirigindo nosso olhar a fim de alcançar seu objetivo imediato, ou seja, vender (Gomes, 2013). Na análise do espaço público urbano, forma e conteúdo são indissociáveis. Assim, uma discussão sobre esse tema perpassa necessariamente a articulação entre os aspectos morfológicos e fenomenológicos (Serpa, 2004).

O estabelecimento do desenho urbano como campo de conhecimento próprio na segunda metade do século XX ajudou a enfatizar a dimensão humana do espaço urbano e o papel social e

cultural das ruas (Maciel, Fialho, & Rigatti, 2021). Ao chegar ao Brasil já na década de 1970, surgia como um campo de atuação que buscava “resolver dificuldades políticas e tecnocráticas do planejamento urbano no âmbito da questão ambiental e para tentar resolver ao crescente interesse público pela preservação das construções” (Januzzi, 2006, p. 44).

Aliado a isso, fatores como o congestionamento derivado do aumento da frota de veículos automotores, o aumento da sensação de insegurança e a diminuição de atividades de lazer, levou a um desenvolvimento comercial na periferia das cidades e um conseqüente abandono das áreas centrais pela população, bem como uma queda das vendas do varejo acarretada pelo aparecimento de formatos comerciais como os *shopping centers* (Januzzi, 2006, p. 44), já popularizados nos Estados Unidos.

A criação dos calçadões, assim, se insere em um contexto de reorganização espacial das cidades a fim de atrair público e investimentos por meio da renovação dos centros dessas localidades (Fonseca, 2012).

Esses projetos foram tentativas de conciliar os padrões de crescimento econômico, renovando a estrutura da área central para estimular as cidades dentro das novas formas de competição do mercado. Grande número de projetos, na segunda metade do Século XX, são tentativas de reconstruir partes da área central, formando unidades urbanas coesas tanto administrativa como fisicamente, para estimular a atividade econômica (Januzzi, 2006, p. 103).

O novo modelo de projeto urbano no qual a pedestrianização de ruas se insere buscava responder ao abandono e decadência de determinadas áreas das cidades, proporcionando a possibilidade de criação de uma nova imagem dos centros urbanos. Essa nova imagem é de extrema importância na medida em que traduz uma intenção

arquitetônica e um conceito de espaço público, buscando a atração de novos capitais por meio de seus novos elementos estruturadores (Januzzi, 2006).

O centro, encarado como dos espaços que estruturam a cidade, é um exemplo da manifestação do fenômeno da centralidade, exposto tanto em suas construções quanto em seu significado simbólico. Desta maneira, as ruas da cidade são, ao mesmo tempo, locais de passagem e também locais de encontro, sendo um espaço público por excelência, já que constituem um local de uso comum (Oliveira, 2015). Importa-nos, portanto, compreender não apenas como operam essas intervenções, mas também os jogos de forças que as articulam e para quais públicos são destinadas.

Construindo a obra do século: O Calçadão Arthur Bernardes

A formação do vilarejo que deu origem à cidade de Viçosa remonta ao século XIX, com a expansão da lavoura cafeeira na Zona da Mata Mineira, após o período de declínio experimentado pela extração aurífera nas regiões atualmente correspondentes às cidades de Ouro Preto e Mariana. Entretanto, o traçado atual de sua área central tem início nos anos 1910, quando da instalação da estação ferroviária da Leopoldina Railway nas proximidades do Largo da Igreja Matriz, que correspondia ao seu principal núcleo social (Pacheco, 2023).

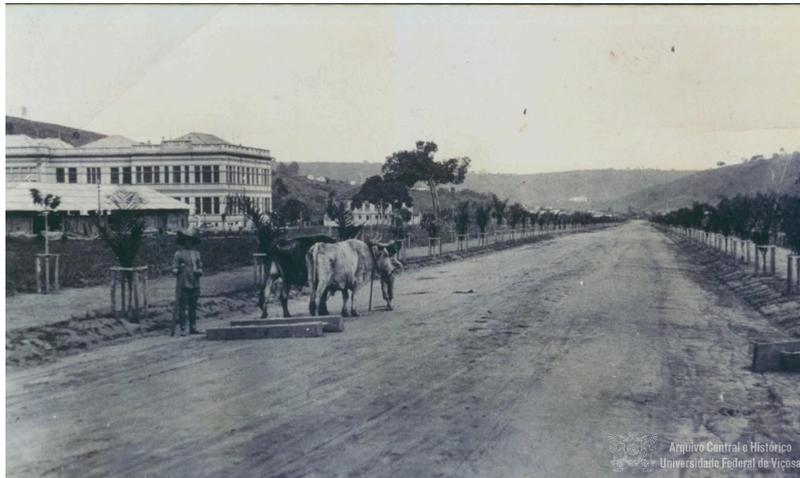
Figura 1: Estação ferroviária no centro de Viçosa, vista a partir da avenida Bueno Brandão, no início do século XX



Fonte: Arquivo Central e Histórico/ATOM UFV.

Na década seguinte, em 1926, a criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) marcaria o início de uma série de transformações pelas quais a cidade iria passar ao longo do século XX. Idealizada pelo então presidente da República, Arthur da Silva Bernardes, a ESAV ocupou áreas na porção plana da cidade, expandindo-se ao longo dos anos segundo a filosofia dos *land grant colleges* norte-americanos (Honório, 2012).

O projeto de universidade que se planejou visava, sobretudo, que a instituição não dependesse de serviços da cidade, de forma que o campus conseguisse comportar serviços variados a fim de atender às pessoas envolvidas em atividades da ESAV (Andrade, 2015). Segundo Silva, nesse período inicial a instituição não trouxe modificações para a forma da cidade, uma vez que se localizava distante de seu núcleo urbano principal e era autossuficiente na questão de moradia para funcionários e alunos (Silva, 2014).

Figura 2: Campus da ESAV, ano desconhecido.

Fonte: Arquivo Central e Histórico/ATOM UFV.

A ESAV se expandiu com o passar dos anos e, com isso, a cidade de Viçosa viu sua população ligada à instituição aumentar. Em 1948, a Escola foi transformada em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG). No mesmo ano, foi aprovado o Código de Posturas do Município, que procurava enquadrar em um modelo único e uniformizador todos os espaços da cidade, sem, contudo, trazer referências à política urbana (Lopes, 2011).

Na década de 1950, a área central da cidade se caracterizava pela diversidade de usos, com a predominância de residências, comércio e serviços. Já os bairros adjacentes ao centro se caracterizavam pelo predomínio do uso residencial, com insignificante comércio local em relação ao que existia no centro (Ribeiro Filho, 1997). Nessa época, a área central da cidade correspondia ainda ao eixo representado pela praça Silviano Brandão, onde se concentravam o comércio e as atividades sociais realizadas em espaços públicos, e a praça do Rosário, que se conectava à avenida P. H. Rolfs, que levava à UREMG. Entre as duas praças está localizada a rua Arthur Bernardes, que era caracterizada pelo uso misto (comercial e residencial). Tratava-se,

assim, de uma via central, mas que ainda não possuía um sentido mercadológico tão acentuado atribuído a ela.

Figura 3: Rua Arthur Bernardes em 1950.



Fonte: Arquivo Central e Histórico/ATOM UFV.

A década de 1950 foi marcada por intervenções administrativas e urbanísticas que visavam preparar Viçosa para o aumento do trânsito de automóveis. O espaço público das ruas, que até aquele momento era dividido entre pedestres e alguns poucos carros, passou a ser ocupado mais intensamente pelos veículos, restando aos pedestres estreitas faixas de calçada, restringindo sua circulação.

O Código de Obras de 1956 preconizava o deslocamento das residências do centro para bairros adjacentes a essa área e do pequeno comércio de bairro para a região central da cidade. Para Ribeiro Filho (1997), esse código privilegiava os interesses de agentes imobiliários, uma vez que estabelecia um gabarito máximo de até oito pavimentos para edificações na área comercial, índice bastante permissivo para a época e para os padrões de Viçosa, cujas edificações possuíam, à época, no máximo, quatro pavimentos. Esse fator permitia a agentes imobiliários construir o máximo volume, extraindo o maior

lucro, com a menor restrição possível. Ao mesmo tempo, a UREMG passava a ser cenário de um projeto de modernização da produção agrícola para o país, que tinha relação com investimentos de instituições norte-americanas (Ribeiro Filho, 1997).

Em 1950 o governo federal brasileiro já havia inserido a UREMG em um sistema federal de ensino superior (Castro, 2015). Já em 1964, dentro de um contexto de reforma e modernização estabelecido pelo regime militar, aumentava a demanda por técnicos de nível superior para atender à expansão da produção agrícola e para mirar no crescimento da atividade econômica. Com isso, tornava-se fundamental que instituições de ensino que ofertavam cursos agrícolas investissem em pesquisas relacionadas ao desenvolvimento de novas tecnologias (Medina, 2019).

Em agosto de 1969, a UREMG tornou-se Universidade Federal de Viçosa (UFV). O crescimento da instituição se refletia na expansão urbana de Viçosa, que via também sua população aumentar: em 1960 a população da cidade era de 20.846 habitantes (Maria, Faria, & Stephan, 2014), passando para 25.777 em 1970 (Silva, 2014). Em entrevista ao Jornal Folha de Viçosa/Ponte Nova, em fevereiro de 1974, o reitor recém-eleito Antônio Fagundes de Souza afirmou que “a vida da Universidade Federal de Viçosa e da nossa comunidade viçosense são uma só”, dando indícios de que o relativo isolamento da UFV em relação à cidade de Viçosa ia se diluindo.

Figura 4: Recorte da entrevista concedida pelo então reitor da UFV, professor Antônio Fagundes de Souza.



Fonte: Jornal Folha de Viçosa/Ponte Nova, n. 249, ano 10. 17/02/1974. Foto da autora.

Com a federalização da UREMG e sua transformação em UFV, a instituição passou por significativas transformações em sua organização física e institucional. O aporte financeiro feito pelo governo federal para a expansão do campus exigiu a construção de um centro de planejamento, que na UFV recebeu o nome de Centro de Planejamento e Desenvolvimento (CEPLAD). O grande afluxo de trabalhadores para a UFV e a diferença salarial entre os "nativos" e os "de fora" desencadeou mudanças também na estrutura urbana de Viçosa (Honório, 2012).

A expansão da universidade era percebida na alteração dos pólos de atração da cidade: áreas como a avenida P. H. Rolfs, que levava à UFV, ganharam importância no mercado imobiliário devido a sua proximidade com a instituição. O campus, que antes ficava afastado do núcleo central da cidade, tornou-se fator de atração e centralidade (Andrade, 2015).

Silva (2014) afirma que existia uma predominância de investimentos autônomos na construção civil na área central de Viçosa durante a década de 1970, ou seja, as iniciativas eram feitas a partir da atividade de pessoas físicas, agentes autônomos que tiveram grande importância na verticalização do centro, a qual se deu pela substituição dos casarões antigos por edifícios de apartamentos, já que Viçosa experimentava nessa época uma valorização urbana desconhecida até então, decorrente da atividade imobiliária.

Esse rápido crescimento contribuiu para a construção de um espaço urbano cada vez mais desigual na cidade. Parte da população que migrava para Viçosa procurando colocação profissional e não encontrava era levada a buscar soluções informais para seus problemas de habitação, como a ocupação de morros e encostas e de áreas favelizadas (Honório, 2012), ao passo que a verticalização do centro aumentava, a fim de atender as faixas de renda mais altas (Silva, 2014). A causa apontada para esses males é o desemprego, gerado em decorrência do maior afluxo de pessoas buscando colocação profissional na UFV. Essa percepção foi ecoada pelos entrevistados para esta pesquisa.

É como eu disse, não é, a UFV estava até... até, eu diria, até [19]74, por aí, era uma faculdade, não, era, era um... Era uma universidade mais voltada para áreas Agrárias, não é. Foi a partir daí que ela começou a incrementar bastante e começou a surgir maiores conflitos, não é? Começaram os maiores conflitos. Por causa do aumento populacional (Entrevista com A. S. Z.).

A construção do Calçadão Arthur Bernardes se insere na problemática de mudanças nas relações sociais em Viçosa: entre os anos 1960 e 1970, a população urbana passou de 9.342 para 17.000 habitantes, ao passo que a população rural diminuiu de 11.778 para

8.784. Já entre 1970 e 1980, a população urbana praticamente dobrou, passando para 31.143 habitantes (Silva, 2014).

Trata-se de um período emblemático para compreender as transformações desencadeadas pelo rápido processo de urbanização gerado pela transformação da UREMG em UFV. O aumento substancial na frota de veículos automotores na cidade também passa a constituir um problema, uma vez que as ruas e calçadas não comportavam o fluxo de pedestres e de carros, devido a sua largura reduzida (Ribeiro Filho, 1997).

Exceto por algumas ações pontuais, com implicação para o coletivo, que decorreram da demanda de alguns setores ligados à UFV, nas décadas de 1970 e 1980 a produção do espaço urbano de Viçosa decorreu de ações deliberadas por um grupo restrito de agentes da cidade ligados ao mercado imobiliário. Dentro dessa dinâmica é que surgiu o grupo “Por uma Viçosa melhor”, fruto de reuniões entre funcionários da instituição, e que fez a proposição da obra à PMV. A respeito da formação do grupo, uma de suas ex-integrantes explica que se tratava de uma organização informal entre mulheres, mas que visava implementar transformações profundas na forma física da cidade:

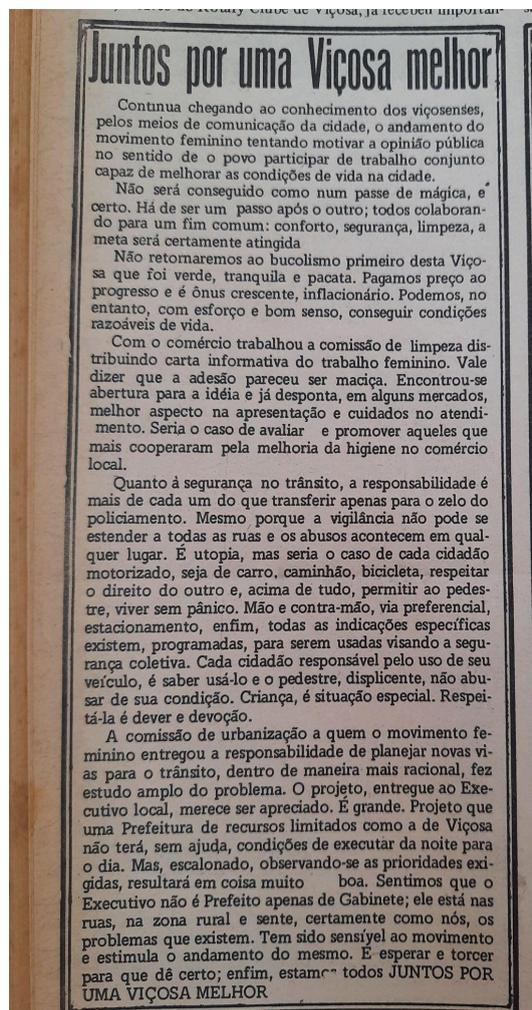
Foi assim: a gente estava numa reunião numa casa, não é? Como se fosse chamado para tomar um vinho, uma coisa, e aí começamos a falar de Viçosa, aí surgiu a ideia. “Vamos fazer um trabalho, vamos fazer e tal”. Aí convidamos algumas pessoas e o negócio foi tomando pé, não é? E foi aí que resolvemos chamar um arquiteto para fazer o planejamento, porque aquilo ali é, como eu disse, competência de um arquiteto, não é? Não, não era competência nossa. A gente tinha as ideias, mas não tinha, vamos dizer assim, o gabarito para executar, não é? Aí foi desenvolvendo, aí apareceu o problema [da coleta] do lixo. Aí nós começamos a fazer a campanha do lixo, conseguimos o primeiro caminhão basculante, não é, aquele que roda, não é? Para apanhar o lixo (Entrevista com M. E. L. M.).

Os princípios que orientavam o grupo eram o conforto, a segurança e a limpeza, evocando práticas urbanísticas de renovação dos centros das cidades, a fim de humanizá-los, tornando seus espaços caminháveis, mas também fazê-los mais atrativos a investimentos comerciais. Encabeçado por agentes “de fora”, considerados os “outros” pela população nativa da cidade, o movimento é definido por seus ex-participantes como um projeto que visava a realização de mudanças estruturais na cidade, a fim de “organizá-la”, por meio do que um dos entrevistados ouvidos na realização desta pesquisa chama de “ajuda” da universidade à cidade.

Era, na verdade, uma colaboração espontânea. Talvez nós tivéssemos até muito mais... É... interesse do que a própria cidade, então a gente queria mostrar esse tipo de trabalho e ajudar a cidade [...]. A cidade carecia, carece, também, até hoje, não é? Mas naquela época, principalmente, carecia muito de interferências. De... Interferências urbanas, não é? Interferência não de dar palpite, não. É interferência mesmo, de sugerir modificações estruturais [...]. Eu cheguei aqui em [19]76 e em 76 ainda não havia muito conflito exatamente por isso, porque a universidade ainda não tinha dado o *start* de crescimento, não é? Foi com essa certa explosão é que aumentou demais as questões da cidade [...] O projeto, a ideia, tudo era nosso, por parte da UFV. Era, vamos dizer assim, era a contribuição da UFV (Entrevista com A. S. Z.).

O primeiro anúncio do movimento foi veiculado no Jornal Folha Integração, em 24 de junho de 1979, demonstrando a preocupação de seus integrantes com questões como a coleta de lixo e o trânsito.

Figura 5: Recorte do Jornal Folha Integração com anúncio do grupo “Por uma Viçosa melhor”, sem assinatura.



Fonte: Jornal Folha Integração, n. 500, ano 16, 24 de junho de 1979. Foto da autora.

Além da preocupação com a coleta de lixo e a implementação do modelo urbanístico representado por uma rua de pedestres em uma das vias mais movimentadas da cidade, a construção de espaços públicos de lazer e de passagem era uma das bandeiras do movimento:

O projeto “Por uma Viçosa melhor” começou com a ideia de transformar aquela área onde hoje está o Shopping Viçosa [construído em 1988] em uma área de lazer, porque era [presente ali] uma vegetação muito boa, era um bosque, então nós queríamos ali criar uma área de lazer, e aí surgiu a

ideia do “Por uma Viçosa melhor”. Certamente não era só isso, outras coisas estavam no contexto das conversas, mas era isso a conexão com a UFV, certo? E nessa história toda, surgiu o Calçadão (Entrevista com A. S. Z.).

[...] Era um grupo recém chegado a Viçosa com alguns professores que voltavam dos EUA e a cidade era muito feia. A rodoviária era um pavor! Eu cheguei de carro e me assustei. Penso nos coitados dos alunos que chegavam pela primeira vez nesta rodoviária! Deviam ter vontade de pegar o ônibus de volta (Entrevista com C. M.).

Figura 6: Anúncio do grupo “Por uma Viçosa melhor”.

The image shows a newspaper clipping with two main sections. On the left is an article titled "Juntos por uma Viçosa melhor" with several paragraphs of text. On the right is an advertisement for "A Sociedade Rádio Montanhense" with a large title and two short paragraphs of text. The newspaper's masthead "Jornal Folha Integração" is visible at the top.

Juntos por uma Viçosa melhor

Não está caindo na rotina de "slogan", apenas. A evidência de que autoridades e povo estão assumindo a idéia é a reunião da última terça-feira, dia 26 de junho, na Prefeitura, onde, juntos, Prefeito, Presidente da Câmara, Líderes da ARENA e do MDB, Delegado de Polícia, Capitão da PM delegado e elementos da comissão feminina do movimento **POR UMA VIÇOSA MELHOR**, debateram, longamente, projetos visando a melhoria das condições de vida na Cidade.

Em número anterior, nesta FOLHA, dissemos da abertura que o movimento vem encontrando junto às autoridades. Verdade! Unidos, cordialmente, na última reunião, comprovou-se que estão todos de mãos dadas, para promover Viçosa às condições que bem merece. Procurando acertar. Tentando soluções. Ouvindo. Sugerindo. Opinando. Concordando e discordando, democraticamente, mas, tentando fazer.

O assunto primeiro, abordado no encontro, foi o fechamento da rua Arthur Bernardes. Pelo que tenho aqui, como orientação para esta nota, é de que chegou-se a um consenso: o fechamento será por etapas: a primeira, até à Travessa Sagrados Corações, para inauguração, provavelmente, no DIA DA CIDADE, e a etapa seguinte, incluiria também a Travessa Sagrados Corações e concluiria a Arthur Bernardes, até a praça do Rosário.

O escoamento do trânsito, a esta altura, seria a indagação que também é minha: por onde?

Definiu-se, na mesma reunião, como certo, o alargamento da ladeira dos Operários. Entendo que demande uma série de medidas para se chegar à execução. Entretanto, a união de esforços, a colaboração e, sobretudo, a vontade de ver melhor esta cidade é que serão os obreiros desta reconstrução. A presença do cidadão anônimo numa obra administrativa espontânea, isto sim, é que deverá ser creditado à vitória do movimento.

Temos, todos, um pouco de administradores. Resolvemos, fácil, qualquer problema e nos sentimos com tarimba, às vezes, até para governar. Agora, dentro do

A Sociedade Rádio Montanhense

cumprimenta o professor Antônio Fagundes de Sousa por sua assunção ao cargo de Reitor da Universidade Federal de Ouro Preto.

Ao mesmo tempo, deseja ao ilustre professor grande êxito na missão de dirigir a UFOP, instituição localizada numa das mais tradicionais cidades do Brasil.

Fonte: Jornal Folha Integração, n. 501, ano 16, 1º de julho de 1979. Foto da autora.

Como vimos, o interesse do grupo perpassava a realização de diversas obras de reordenamento espacial na cidade, tema que também era tratado na administração pública municipal e na administração da UFV. Além disso, o enfrentamento à “feiúra” da cidade se fazia presente no discurso do “Por uma Viçosa melhor”, a fim

de construir uma imagem de um centro que fosse, ao mesmo tempo, belo e funcional.

Fica evidente a ideia do grupo de que a cidade carecia de uma reorganização de seu centro, que viria apenas com a intervenção de grupos “de fora”:

Eu me formei em Arquitetura em Brasília [...] formei em [19]75 e em 76 eu vim para Viçosa. [Vim trabalhar como] Arquiteto, na verdade, arquiteto, que a gente chamava arquiteto urbanista, não é, que é uma especificidade da arquitetura, e que encaixava bem nos propósitos aí de interferências urbanas, não é? De Viçosa, fundamentalmente [...]. Aqui a gente fazia uma espécie de colaboração [...] Formalmente, isso [a assinatura de um convênio formal com a prefeitura de Viçosa] nunca aconteceu, não é? Era, na verdade, uma colaboração espontânea. Talvez nós tivéssemos até muito mais... É... interesse do que a própria cidade. Então a gente queria mostrar esse tipo de trabalho e ajudar a cidade (Entrevista com A. S. Z.).

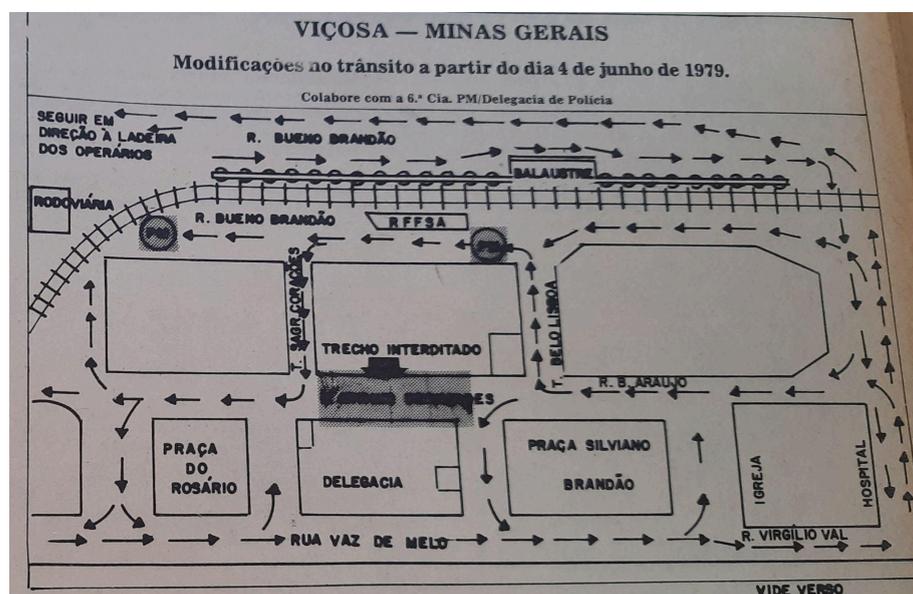
Eu saí daqui em 71 e fiquei 4 anos fora, não é? Nos Estados Unidos. Quando eu voltei, eu não achei nenhuma diferença do que eu deixei. A mesma coisa. Por sinal, é um choque muito grande, principalmente quando você vai ao supermercado. Porque o supermercado não tem nenhuma estrutura e a gente fica bem chocada. [...] Outra coisa que eu saí e deixei, mas me chocou muito, porque estava num estado bem precário, foi a praça principal [Silviano Brandão]. Muito suja, sabe? Eu achei... aquilo ali choca a gente. A gente às vezes fala, “Ah, porque foi para fora”, não é não. A praça estava muito suja. Ainda era a praça antiga, não é? Antes de fazer a reforma, muitas folhas no chão, muita sujeira, sem nenhuma... nenhum jardim direito, nada. Isso me chocou bastante. E a gente quando sai até a gente esquece como era (Entrevista com M. E. L. M.).

Foi o início ou empurrão para uma universidade que saiu do rótulo rural para uma universidade no maior sentido da palavra. Os alojamentos já não cabiam todos os estudantes. A cidade precisava progredir para o novo progresso da universidade. Muitos professores começaram a fazer prédios para alugar (Entrevista com C. M.).

O movimento das obras de instalação da rede pluvial na rua Arthur Bernardes, iniciado em junho de 1979, foi seguido pela decisão de fechamento da via ao trânsito de veículos, demonstrando a ativa

participação dos membros do “Por uma Viçosa melhor” no debate urbanístico da cidade. É emblemática, durante esse período, a aprovação do texto do novo Código de Obras do município (Lei n. 312/1979), que não foi, no entanto, cumprido durante seus três primeiros anos de vigência (Ribeiro Filho, 1997).

Figura 7: Recorte da reportagem “Obras ocasionam modificações no trânsito central de Viçosa - MG”.



Fonte: Jornal Folha Integração, n. 497, ano 16, 03 de junho de 1979.

Conforme mencionado, o calçadão de Curitiba foi uma inspiração para a construção do calçadão Arthur Bernardes:

Bom, a praça de Viçosa. Na realidade a praça de Viçosa não foi, é... a reformulação dela, não foi uma iniciativa semelhante a que foi a do calçadão, não. O calçadão nós tivemos aquela idéia, né, em [19]79, depois inclusive da gente ter visitado Curitiba, e tinha aqueles problemas de enchente etc., então o calçadão surgiu, praticamente, com aquele grupo né, [Por uma] Viçosa Melhor, uma proposta para melhorar a cidade⁴.

⁴ Trecho de entrevista concedida por um dos arquitetos que atuava no CEPLAD-UFV, em julho de 1994. Disponível em <https://vicosacidadeaberta.blogspot.com/2008/08/entrevista-praa-de-viosa.html>. Acesso em 16 jun. 2023.

Figura 8: Foto da reportagem “Obras da rua Artur Bernardes marcarão Administração César Santana”.



Fonte: Jornal Folha Integração, edição n. 499, ano 16, 17/06/1979.

Da mesma forma que a rua XV de Novembro, em Curitiba, o projeto previsto para a rua Arthur Bernardes era de fechamento total, a fim de adequá-la ao modelo de calçadão pleno, implementado a partir da pedestrianização de uma rua previamente veicular, contando com mobiliário urbano e vegetação, dentre outros elementos (Fonseca, 2012).

Figura 9: Perspectiva apresentada como projeto pelo grupo “Por uma Viçosa melhor” para a construção do Calçadão Arthur Bernardes.



Fonte: Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa (ACH-UFV).

O croqui acima foi feito por um dos arquitetos da UFV contratados durante a década de 1970 para projetar obras voltadas para a expansão física da instituição e que auxiliou os integrantes do movimento “Por uma Viçosa melhor” na interlocução com a Prefeitura. Este e outros projetos foram doados ao poder público de Viçosa pelos quatro integrantes da CEPLAD, mas não foram encontrados registros dos projetos na Secretaria de Obras da PMV, apenas no ACH da UFV.

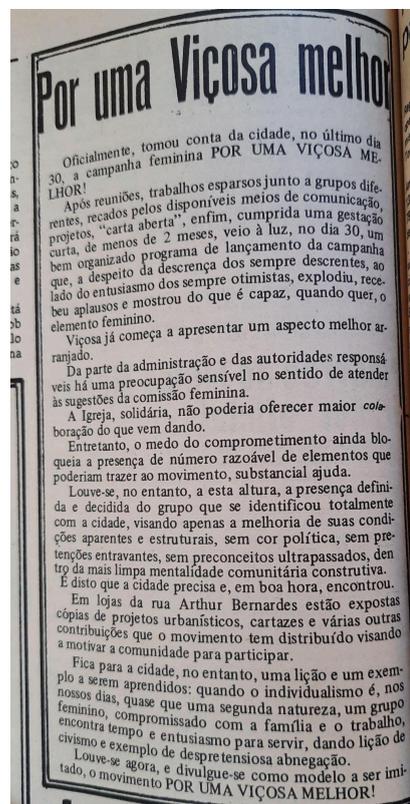
Além do croqui em formato de perspectiva, foi doada à PMV uma planta com descrições detalhadas do projeto, que previa a instalação de postes de iluminação e mobiliário urbano (bancos, floreiras, lixeiras e porta-cartazes), bem como a plantação de árvores. A construção de uma rua exclusiva para o trânsito de pedestres no centro de Viçosa ia na contramão do crescimento da frota de veículos da cidade, que decorria do aumento populacional. Essa preocupação se refletiu no extenso tempo de execução da obra, que passou por meses de indefinição.

Muito embora as obras de infraestrutura estejam praticamente prontas, com a construção da nova rede pluvial por parte da Prefeitura Municipal chegando ao fim, continua indefinida a transformação da Rua Arthur Bernardes em “rua de lazer”. Esta transformação continua sendo estudada em todas as suas possibilidades, uma vez que a falta de estrutura ao trânsito de veículos, crescente em Viçosa, é o ponto crítico dos estudos. A princípio, estudos objetivam o fechamento parcial no trecho Praça Silviano Brandão-esquina com travessa Sagrados Corações, ficando esta última como opção para o tráfego no sentido centro propriamente dito à Praça do Rosário e Universidade Federal de Viçosa. Comenta-se, entretanto, que o fechamento total da citada via pública está sendo cuidadosamente estudado pela Prefeitura, juntamente com a Comissão de Trânsito de Viçosa e grupo Unidos por uma Viçosa melhor, sendo que este último já apresentou projeto a respeito com esquema de ajardinamento e outros benefícios a serem implantados no “calçadão”. Um entrave à realização total do “projeto do calçadão” seria a consequente inutilização da Travessa Sagrados Corações ao trânsito o que, sem dúvida, sobrecarregaria a Avenida Bueno Brandão (parte

baixa, principalmente) que se veria obrigada a arcar com todo o tráfego central no sentido praça Silviano Brandão - Praça do Rosário/UFV, ultimamente funcionando precariamente pela inversão da mão direcional da Sagrados Corações pela Comissão de Trânsito de Viçosa, quando do início das obras municipais da Arthur Bernardes. Enquanto isso, continua a abertura da Ladeira dos Operários para a pavimentação e alargamento, visando a facilitar o trânsito no sentido centro-UFV. A Prefeitura Municipal iniciou ali serviços de infraestrutura básica para posterior asfaltamento, conforme informações fidedignas obtidas na Prefeitura (Reportagem “Calçada da rua Arthur Bernardes ainda indefinido” do jornal Folha Integração, n. 506, ano 16, de 05/08/1979).

Apesar da incerteza acerca do projeto a ser executado, após a definição de fechamento da rua Arthur Bernardes com a construção da rua de pedestres, as chamadas do grupo “Por uma Viçosa melhor” nas páginas do jornal Folha Integração foram suspensas. O último anúncio encontrado durante esta pesquisa data de 22 de julho de 1979.

Figura 10: Anúncio do grupo “Por uma Viçosa melhor”.



Fonte: Jornal Folha Integração, ano 16, n. 504, 22/07/1979. Foto da autora.

Bom, eu acho que foi bem melhor, melhorou bem o aspecto da cidade, e a gente queria trabalhar mais, porque nós trabalhamos paralelamente com Calçadão e com a coisa de lixo, para apanhar lixo, não é, inclusive, o primeiro caminhão foi nessa época. Mas depois eu tive filho e não pude continuar na frente do movimento (Entrevista com M. E. L. M.).

Quando surgiu o calçadão, eu não sei precisar. Hoje eu não saberia precisar, mas vem na enxurrada aí do Por uma Viçosa melhor. Você pode me perguntar, “quando é que surgiu essa ideia?”. Precisamente, também não sei te falar, não é? É... e isso esfriou, porque aqui a gente falava de muitas ideias. Você joga, muitas ideias voltam, outras vingam, outras não vingam, você desanima um pouco, esfria, [...] e no fundo, no fundo, isso se perdeu (Entrevista com A. S. Z.).

Esse relativo afastamento do grupo refletiu-se na efetiva execução da obra a partir de outubro de 1979. Após a finalização da tubulação das redes pluviais na via, foi iniciada a colocação de pedras portuguesas, visando a diferenciação do piso das demais ruas da cidade, seguindo o exemplo do calçadão da rua XV de Novembro, em Curitiba. Apesar disso, o projeto que passou a orientar a obra não visava mais a colocação de mobiliário urbano, enfatizando seu caráter de espaço público de passagem e não de permanência.

A atuação da UFV se fazia presente, no entanto, em outras obras ora em curso na cidade.

A empreiteira Sotebra terminou, na semana passada, o serviço de capeamento asfáltico da Ladeira dos Operários, tida e havida como uma das principais “saídas” para a melhoria do escoamento do trânsito no sentido Viçosa/UFV e vice-versa. A empreiteira asfaltou, também, trecho compreendido entre as esquinas da rua do Pintinho e Ladeira dos Operários, fechando assim, o anel viário compreendido entre as duas comunidades: universitária e viçosense. Embora ainda descarregando o trânsito na Avenida P. H. Rolfs, a ladeira dos Operários deverá ser ligada à margem direita do “lago da UFV”, o que facilitará ainda mais o trânsito entre a universidade e a cidade, atualmente bastante congestionado na hora do “rush”. [...] Esta obra, apontada como uma das principais para compensar o fechamento da Rua Arthur Bernardes ao trânsito, foi realizada em cooperação com a

Universidade Federal de Viçosa e Prefeitura Municipal
(Reportagem “Ladeira dos operários já asfaltada”, do Jornal
Folha Integração de 21 de outubro de 1979, n. 517, ano 16).

Figura 11: Imagem da reportagem “Ladeira dos operários já asfaltada”, mostrando o fluxo de veículos no sentido UFV-centro.



Fonte: Jornal Folha Integração, n. 517, ano 16, 21/10/1979. Foto da autora.

Apesar de reportagens do jornal Folha Integração apontarem a inauguração do Calçadão Arthur Bernardes até o fim do ano de 1979⁵, ainda em 1980 as obras seguiam sua fase final na travessa Sagrados Corações, “onde uma pista central servirá para os serviços de carga e descarga de mudanças, materiais de construção etc., embora o trânsito normal de veículos seja, conforme noticiamos em outras edições, proibido”⁶. O projeto inicial, de fechamento da rua Arthur Bernardes, contudo, foi concluído no primeiro semestre de 1980.

A construção do Calçadão Arthur Bernardes relaciona-se à valorização imobiliária do centro de Viçosa durante a década de 1970, que se refletiu em um déficit de espaços públicos em detrimento dos projetos habitacionais privados que resultam de disputas sociais

⁵ Reportagem “Calçadão ficará pronto ainda este ano”, de 09/12/1979 no Jornal Folha Integração (n. 524, ano 17), informava que as obras já duravam quase 10 meses, mas que o calçadão se encontrava pronto para ser inaugurado até o fim de dezembro.

⁶ Reportagem “Prefeitura incrementa obras”, de 09/03/1980 no Jornal Integração (n. 05, ano 1).

motivadas pelo interesse em controlar a localização dentro do espaço urbano: entre as décadas de 1970 e 1980, enquanto os mais ricos se instalavam nos bairros adjacentes ao centro, como o Ramos e o Clélia Bernardes, e em condomínios fechados horizontais, como o Parque do Ipê, a população pauperizada era deslocada para as franjas da cidade. No centro, a atividade comercial se dinamizava, a fim de atender a demanda de consumidores que se mudavam em massa do campo para a cidade ou que vinham de outras localidades em busca de colocação profissional ligada direta ou indiretamente à UFV.

O novo modelo urbanístico representado pelo Calçadão, que conecta o eixo comercial instalado na praça Silviano Brandão à praça do Rosário, que conduz à avenida P. H. Rolfs, onde fica a UFV, materializa uma nova escala de visibilidade que se forma no centro da cidade nessa época, com a atração de capitais para a via a partir da discussão de sua forma e de seu status público.

Desta maneira, o debate entre os projetos de espaço público apresentados pela PMV e pelo grupo “Por uma Viçosa melhor” refletia interesses de controlar a localização dentro do espaço urbano de Viçosa, mais especificamente de seu centro, devido a sua valorização simbólica e mercadológica. Ao mesmo tempo, no aspecto material, a via passava a atuar como organizadora da malha urbana de Viçosa ao direcionar os usos da zona central para a atividade comercial. Por fazer a ligação entre dois importantes pólos de centralidade da cidade, a UFV e a praça Silviano Brandão, o Calçadão Arthur Bernardes tem sua visibilidade ampliada, atuando como um espaço de exposição, aspecto reforçado por sua localização central na cidade e por sua característica comercial.

O tensionamento entre o projeto doado pelo grupo “Por uma Viçosa melhor” e a pedestrianização da rua Arthur Bernardes executada pela PMV reforçam seu estatuto público, na medida em

que constitui um espaço de conflitos e problematização da vida social (Gomes, 2013). Do ponto de vista material, a visibilidade que a via ganha se reflete na atração de investimentos fundiários, que se traduzem em uma dinamização da atividade imobiliária e comercial, como ocorreu no caso do Calçadão Arthur Bernardes.

É um ponto principal do comércio, então todo mundo quer vir para cá porque realmente é um lugar muito visitado, não é, por todo mundo, de toda a cidade. Todo mundo vem ao Calçadão, então as lojas que querem mostrar o seu produto, e então querem abrir loja no Calçadão e por isso que o custo foi lá pra cima, né? De aluguel (Entrevista com M. L. S.)

O calçadão, juntamente com a criação de novos cursos, impactou em novas construções, lojas melhores e com mais opções de escolha, lanchonetes que viraram ponto de encontro, aumento de profissionais de beleza, manicure, cabeleireiras etc. Quando cheguei a Viçosa [em 1974], só tinha uma cabeleireira famosa que atendia as pessoas mais ricas da cidade, nativas ou esposas de professores mais antigos (Entrevista com C. M.)

[O comércio se] Diversificou, né... Também nesse intervalo as coisas mudaram muito, cresceu muito, não é? Então é tudo, vamos dizer assim, é tudo envolvido. Além de ter a cidade desenvolvido mais, crescido em todo lugar que também cresceu, e aquilo ali, você tem uma diversidade grande de comércio, tanto no Calçadão como no Calçadinho, você tá entendendo? (Entrevista com M. E. L. M.)

Com a vinda de novas populações para Viçosa, novos hábitos de lazer e de consumo eram transplantados para uma nova realidade, principalmente a partir da federalização da UREMG em 1969. Assim, a cidade outrora provinciana começava, na década de 1970, a se tornar uma cidade média, buscando atender esse novo filão de consumidores, atraindo investimentos em novos empreendimentos e acirrando a disputa entre os comerciantes já estabelecidos. O projeto do Calçadão apresentado pelos integrantes do “Por uma Viçosa melhor” objetivava a criação de uma rua de lazer na cidade,

materializando uma nova imagem da cidade, que deixava o status de interiorana.

Além dos loteamentos, a federalização da universidade alavancou a economia urbana do município através do setor de comércio e serviços. Observou-se, na paisagem próxima à Avenida PH. Rolfs, a instalação de pequenos restaurantes que serviam comida a quilo e de empresas prestadoras de serviços (copiadoras, lavanderias, papelarias etc.). Alguns locais passaram a abrigar bares, casas noturnas e escritórios. A área central foi se reestruturando em decorrência da atividade econômica, que, ao se transformar, transforma seu entorno em função das mudanças no uso do solo. A intensificação do uso da terra no centro urbano viçosense redefiniu a forma da cidade e instigou uma ordenação social e espacial da vida urbana (Coelho, 2020).

Durante o desenvolvimento da pesquisa, notou-se que a imagem da cidade a ser criada era relevante na medida em que, por parte do “Por uma Viçosa melhor”, buscava-se materializar o anseio do grupo dos “de fora” por meio do transplante de um modelo urbanístico que estimulasse a permanência da população no espaço urbano. Além desse projeto, estavam em discussão pelo grupo, juntamente com a PMV, a criação de um parque na rua Milton Bandeira, próxima à UFV, e a construção de uma rua de pedestres no condomínio Parque do Ipê. Trata-se de obras que, para além da problemática da construção de vias públicas de circulação, visavam o embelezamento da cidade. Apesar da não realização das obras citadas, as proposições denotavam uma negociação em torno dos espaços públicos da cidade, na medida em que a especulação imobiliária se tornava mais acirrada em Viçosa, em função dos interesses habitacionais decorrentes do aumento populacional experimentado pela cidade durante a década de 1970.

Considerações finais

A busca pela materialização dos anseios arquitetônicos e urbanísticos de diferentes grupos sociais em uma via central, como é o caso do Calçadão Arthur Bernardes, reitera sua importância na trama locacional da cidade de Viçosa, devido ao reforço de sua centralidade, valorizando suas estruturas comerciais e consagrando o centro e, especificamente, aquele espaço, como lócus da atividade comercial em Viçosa.

Sua valorização imobiliária e comercial deriva, assim, não apenas de suas estruturas físicas, mas também da visibilidade que lhe é conferida, a qual atua na configuração do centro e, mais especificamente, do Calçadão Arthur Bernardes, como espaço público, na medida em que esses locais se tornam espaços de exibição que resumem a vida urbana de Viçosa em si, ganhando prestígio social e mercantil.

A construção dessa obra, uma via central e movimentada de 700 metros de comprimento, acarretou grandes mudanças na forma física e na trama locacional de Viçosa, atrelando o centro à atividade comercial e reforçando o papel de agentes ligados à UFV no debate urbanístico da cidade e da própria instituição na transformação do espaço urbano. Essa atuação seria ampliada nas décadas seguintes com a atuação de um arquiteto da UFV na Secretaria de Obras da Prefeitura na década de 1980 e a constituição do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, na década de 1990, intensificando debates sobre a preservação de construtos edificados no centro da cidade.

A rua Arthur Bernardes, durante as décadas de 1960 e 1970, foi alvo de promotores imobiliários e teve nela construídas várias edificações de até quatro pavimentos. Esses investidores da área da construção civil escolhiam a área devido à possibilidade de lucro certo

e elevado, não apenas pela proximidade com a UFV, mas também devido à apropriação de sua paisagem, que, incorporada como externalidade positiva ao preço do imóvel (Ribeiro Filho, 1997), valoriza sua localização central na cidade.

Oportunizada pela série de operações urbanas pelas quais o centro de Viçosa passava no fim da década de 1970, a construção do Calçadão Arthur Bernardes, tratada como “a obra do século” nas páginas dos jornais⁷, representava o advento de um sentido mercadológico mais acentuado para a área central da cidade, uma vez que fazia parte da agregação de externalidades positivas ao logradouro, a fim de atrair investimentos imobiliários.

Referências bibliográficas

ALVES, M. C. S. de O. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. *In*: IV Semana de História do Pontal/III Encontro de Ensino de História, 2016, Ituiutaba (MG). **Anais** eletrônicos da IV Semana de História do Pontal/III Encontro de Ensino de História, 2016.

ANDRADE, I. L. de. **Aplicação do modelo de zoneamento morfológico-funcional para o estudo do espaço intraurbano de cidades médias: análise da cidade de Viçosa-MG**. 2015. 75 f. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Geografia, 2015.

CASTRO, M. G. **Ensino, pesquisa e extensão: origem, trajetória e reconfiguração institucional na Universidade Federal de Viçosa**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa, 2015.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. Editora Ática: São Paulo, 1989.

FONSECA, F. L. da. **Os calçadões e sua importância para a qualidade urbana na área central de Juiz de Fora**. Juiz de Fora, 2012. 162 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído, Faculdade de Engenharia, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

⁷ Reportagem “Obras da rua Artur Bernardes marcarão Administração César Santana”. *Jornal Folha Integração*, ano 16, 17 jun. 1979, n. 499.

GOMES, P. C. da C. **O lugar do olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GRECHONIAK, J. A. de O. **Produzir-vender-consumir: Reflexões sobre estética e consumo nos projetos de requalificação do centro de Lages/SC.** 2023. 177f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

HONÓRIO, L. de M. **A produção do espaço em uma cidade universitária: O caso de Viçosa, MG.** 2012. 199 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Geografia, 2012.

JANUZZI, D. de C. R. **Calçadas: a revitalização urbana e a valorização das estruturas comerciais em áreas centrais.** 2006. 318 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

JANUZZI, D. de C. R.; GRASSIOTTO, M. L. F. Projetos urbanos: Embelezamentos, renovações e revitalizações. **Revista de Ciências Exatas e Tecnologia**, v. 11, n. 11, p. 28-38, 2016.

LOPES, V. S. O Plano **Diretor do município de Viçosa-MG e a política de ordenamento territorial: avanços e limitações nas localidades de João Braz, Liberdade e Silvestre (2000 a 2010).** Monografia. Departamento de Geografia, Universidade Federal de Viçosa. 2011.

MARIA, A. C. de S.; FARIA, T. C. de A.; STEPHAN, I. I. C. Um retrato da evolução urbana de Viçosa-MG: Impactos da federalização da UFV sobre a cidade (1969-2014). **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, v. 3, n. 1, 2014.

MACIEL, F. B. M.; FIALHO, D. M.; RIGATTI, D. Da Primeira Quadra ao Calçadão: narrativas sobre a pedestrianização do centro de Santa Maria (RS). **Paisagem e Ambiente**, v. 32, n. 47, p. 1-17, 2021. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.paam.2021.173280.

MEDINA, C. A. **A Reforma Universitária na Universidade Federal De Viçosa (1968-1978): Elementos para a Manutenção da Ordem.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa. 2019. p. 33.

OLIVEIRA, A. D. **Condomínios horizontais fechados em Viçosa-Minas Gerais: Aproximações a partir da sintaxe espacial.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa. Viçosa/MG, 2018.

PACHECO, L. O. **Calçadão Arthur Bernardes: Centralidade e espaço público em Viçosa (MG).** 2023. 108 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2023.

PASQUOTTO, G. B. Renovação, revitalização e reabilitação: reflexões sobre as terminologias nas intervenções urbanas. **Revista Complexus.** Instituto Superior De Engenharia Arquitetura e Design (CEUNSP), Salto-SP. Ano, v. 1, 2010.

RIBEIRO FILHO, G. B. **A formação do espaço construído: Cidade e legislação urbanística em Viçosa, MG.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Rio de Janeiro, 1997.

SERPA, A. Espaço Público e Acessibilidade: Notas para uma abordagem geográfica. **GEOUSP Espaço e Tempo (On-line)**, v. 8, n. 1, p. 29, 2004. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2004.123865.

SILVA, M. L. da. **Expansão da cidade de Viçosa (MG): A dinâmica centro-periferia.** (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória: Ufes, 2014.

VARGAS, H. C.; CASTILHO, A. L. H. de. **Intervenções em centros urbanos: Objetivos, estratégias e resultados.** Barueri: Manole, 2015.